



O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

ANO 2013

MAIO

Nº 65

A GUERRA DO PARAGUAI: UM LABORATÓRIO DE DOCTRINA MILITAR TERRESTRE POUCO EXPLORADO

Cláudio Moreira Bento(x) - Historiador Militar e Jornalista - Presidente da FAHIMTB e IHTRGS
Caracterização Sumária



De 1865 a 1870, a Bacia do Rio da Prata foi o cenário do maior conflito entre nações das Américas - a Guerra do Paraguai. Ela envolveu de um lado do Brasil, a Argentina e o Uruguai, que formaram a Tríplice Aliança, contra o Governo do Paraguai. Seu início teve lugar logo depois de término da Guerra de Secessão nos EUA, um conflito interno entre o Norte industrial e o Sul agropecuário e escravista daquele país e o primeiro grande conflito da Era Industrial. Conflito que foi o prenúncio da Guerra Total. Nele, com o apoio na máquina a vapor foi possível a produção, em série, de munições e armamentos que aumentaram consideravelmente a densidade de fogo no campo de batalha. Isto obrigou o combatente a enterrar-se no terreno à procura dos abrigos, as trincheiras – a marca registrada da I Guerra Mundial em sua primeira fase. A Guerra de Secessão, com a qual a Guerra do Paraguai apresenta semelhanças e da qual recebeu influências, somente foi estudada criticamente, à luz dos fundamentos da Arte da Guerra, entre as duas últimas Grandes Guerras.

Os chefes, pensadores, planejadores e historiadores militares norte-americanos lamentaram profundamente o atraso do estudo, em razão dos valiosos ensinamentos que ela sugeria e que poderiam ter sido incorporados à Doutrina Militar do Exército dos EUA na I Guerra Mundial. E, mais, eles se conscientizaram da importância do conflito no contexto da evolução da Doutrina Militar Mundial.

Importância Histórico-militar da Guerra do Paraguai

A Guerra do Paraguai, o maior conflito entre nações das Américas e a maior experiência bélica do Brasil até hoje, carece de um estudo crítico militar mais profundo, como de resto quase toda História Militar Terrestre do Brasil. Esta vinha sendo estudada, na maioria das vezes, de forma empírica, ao invés de científica ou crítica a luz dos fundamentos da Ciência e da Arte Militar. Sua abordagem vinha sendo feita, predominantemente, de maneira descritiva e não crítica ou analítica. Sob os dois últimos aspectos é que a História Militar contribuiu para a formação dos grandes Capitães da História: Júlio Cesar; Alexandre, o Grande; Gustavo Adolfo; Frederico, o Grande; Napoleão e tantos outros, conforme eles mesmos proclamaram, bem como do nosso grande Duque de Caxias, que encontrou nas manobras de flanco de Humaitá e Piquiciri, na Guerra que ora estudamos, passaporte seguro para figurar na galeria dos grandes Capitães da História ou dos grandes mestres da Arte da Guerra.

Estudo crítico ou analítico da História Militar, assim enfatizado, por Frederico, o Grande, ao professor da matéria seu filho:

“Não ensine História Militar a meu filho como se ensina a um papagaio. Faça-o meditar, racionar e tirar conclusões próprias e ensinamentos.”

As abordagens descritivas e não críticas ou analíticas e mencionadas como científicas de nossa História Militar, à luz dos fundamentos de uma Doutrina Militar, contribuíram para o desprestígio da

disciplina entre nossos chefes militares. E isto era justificável, por não verem eles resultados práticos das atividades de História, no sentido de contribuições para o desenvolvimento de uma Doutrina Militar Brasileira, com índices progressivos de nacionalização, mas incorporando o que de melhor existisse em doutrinas de Exércitos de grandes potências e potências militares mundiais.

Índices progressivos de nacionalização calcados no estudo crítico-militar de nossas experiências acumuladas em quase cinco séculos, em lutas internas e externas, nos mais variados rincões do Brasil. Experiências vitoriosas, que contribuíram para configurar e manter um Brasil de dimensões continentais que não são obra de um milagre, mas sim fruto de judiciosas soluções estratégicas, táticas e logísticas militares. Soluções decorrentes da correta aplicação da Arte da Guerra por militares portugueses e brasileiros do passado, caracterizados por um fator de decisão militar constante - o **Terreno brasileiro**, com suas características - e por um importante e característico elemento do Fator Militar - o **soldado brasileiro**.

Acreditamos que muitas daquelas soluções, se estudadas criticamente por chefes, pensadores, planejadores e historiadores militares brasileiros, servirão de ferramentas para alicerçar o Exército Brasileiro do futuro. Um Exército possuidor de **Poder Militar Defensivo Dissuasório Compatível**, para proteger as riquezas minerais da Amazônia Verde, o Povo e a Integridade e a Soberania do Brasil. Um país com o bordão presidencial '**Brasil rico é país sem pobreza**'. **E militarmente seguro**.

Militarmente seguro ao dispor de um Exército, como braço armado do povo e dotado de uma Doutrina Militar com expressiva nacionalização. Fruto de análise crítica do seu passado, do entendimento do seu presente e desenvolvimentos das capacidades de estimar o seu futuro militar e de formular e praticar Doutrina Militar dinâmica e coerente com este futuro, conforme procederam os Exércitos das grandes potências e potências militares.

Creio que se a Guerra do Paraguai for estudada a fundo, como o foi a Guerra de Secessão, trará valiosa contribuição aos militares em apoio a uma Doutrina Militar das nações do MERCOSUL, para a defesa militar, no insondável terceiro milênio, apenas iniciado.

É possível que a Guerra do Paraguai venha a ser considerada como o primeiro grande conflito entre nações na Era Industrial. Como se verá, nela a máquina a vapor se fez presente nos navios de nossa Marinha, numa ferrovia do adversário e numa ferrovia construída por nossa Marinha.

O Brasil deverá, necessariamente, ser potência militar. Ao estudar e analisar criticamente as grandes potências mundiais, na qualidade de pesquisador e instrutor de História Militar de 1978/80 na Academia Militar das Agulhas Negras, cheguei a uma conclusão simples: todas são potências militares, possuidoras de Doutrina Militar própria ou com elevados índices de nacionalização. Nenhuma copiou doutrina alienígena sem a adaptar às suas realidades operacionais, como Caxias procedeu em 1861, como Ministro da Guerra e Chefe do Governo do Brasil, ao adaptar às realidades operacionais sul-americanas a Doutrina Militar do Exército de Portugal, de influência inglesa, feita para as realidades operacionais europeias, **"até que nosso Exército possuísse uma doutrina genuína."**

O campo de batalha foi, é e continuará sendo o melhor laboratório de pesquisa para o desenvolvimento de uma Doutrina Militar. Não existe nenhum sucedâneo eficiente.

Em **Os Lusíadas**, Luiz de Camões, o poeta soldado que perdeu uma vista em combate, na área onde fica o Viet Nam, em sua missão de contribuir para conquistar o Pensamento Político de Portugal: **Dilatar a Fé Católica e o Império Português**, assim se referiu à Doutrina Militar (prestante):

"A Disciplina militar prestante, não se aprende senhor na fantasia, senão vendo, tratando e pelejando."

Vendo é estudando, tratando é participando de manobras militares e pelejando é participando de combates. E, assim, absorvendo a Doutrina Militar que regula a força militar.

Acreditamos que a Guerra do Paraguai ainda se constitua em importante laboratório, com vistas às Doutrinas Militares, não só a do Brasil, com a dos uruguaios, argentinos, bolivianos e paraguaios. Para os dois últimos o valor será maior se esta experiência for comparada com a Guerra do Chaco em 1935 - a última guerra convencional envolvendo nações das Américas.

O Marechal Floriano Peixoto, como Presidente da República, determinou que o Oficial Engenheiro Cel Emilio Jourdan, veterano da guerra e construtor de algumas pontes da célebre Estrada do Chaco, escrevesse uma história do conflito, para servir de subsídio "aos alunos de nossas escolas militares, com o objetivo de conhecerem as realidades operacionais sul-americanas".

O Marechal Bernardino Borman, veterano da guerra, ajudante-de-ordens e biógrafo de Duque de Caxias, e mais tarde chefe do Estado-Maior do Exército, com aquele objetivo, escreveu também a sua visão da Guerra do Paraguai.

Ainda oficial de Estado-Maior, o mais tarde General Tasso Fragoso começou a estudar aquele conflito. Seu estudo foi traduzido na monumental obra **A Guerra da Tríplice Aliança** - editada quando era chefe do Estado-Maior do Exército.

Obra descritiva, foi trabalhada tecnicamente pelo Coronel Ruas Santos, que a enriqueceu e a transformou em instrumento de trabalho indispensável a estudos críticos futuros.

O Estado-Maior do Exército em sua Portaria 061, de outubro de 1977, marcou os seguintes objetivos para as atividades de História no Exército:

- Contribuir para a formação e o aperfeiçoamento dos quadros e da tropa;
- Contribuir para o desenvolvimento da doutrina das Forças Terrestres Brasileiras; e
- Preservar e divulgar o Patrimônio Histórico-Cultural do Exército.

Com isto, orientou a História no Exército para aspectos predominantemente crítico-militares, em apoio à formação dos seus quadros e ao desenvolvimento de uma doutrina militar terrestre brasileira, tarefa que há 17 anos a Federação de Academias de História Militar Terrestre Brasileira se empenha em realizar, em cooperação com o nosso Exército.

Causas da Guerra para o Brasil

O Brasil foi à guerra contra o Governo do Paraguai depois de sua Soberania e Integridade serem agredidas pelo Governo do adversário:

- agressão à Soberania, através da ameaça à livre navegação brasileira nos rios Paraná e Paraguai, caracterizada pela ereção da fortaleza de Humaitá sobre o rio Paraguai, e prisão, em Assunção, do Presidente de Mato Grosso, quando, depois de partir do Rio de Janeiro, viajava para assumir o seu posto. Os rios Paraná e Paraguai eram elos, há dois séculos, de ligação do Centro do Poder do Brasil com sua Província de Mato Grosso.
- agressão à Integridade territorial, materializada pelas invasões e ocupações temporárias de territórios brasileiros no Rio Grande do Sul e em Mato Grosso.

Desenvolvimento da Guerra - Síntese - Ofensiva Adversária

A iniciativa das nações coube ao adversário. Manobrando em linhas interiores, ele invadiu o indefeso sul de Mato Grosso. Em Dourados, ocorreu o épico episódio da resistência até a morte do Tenente Antônio João, atual Patrono do Quadro Auxiliar de Oficiais. Depois foi a vez da província argentina de Corrientes e da brasileira o Rio Grande do Sul.

Em 11 de junho de 1865, nossa Marinha obteve a retumbante e decisiva vitória naval de Riachuelo, a maior batalha naval da América do Sul e ponto de inflexão do conflito, de ofensiva para defensiva adversária por parte do Paraguai. Nesta batalha, forças navais e terrestres brasileiras embarcadas, puseram fim à capacidade ofensiva estratégica do adversário.

O término da ofensiva adversária, no sul, foi selado com a rendição em Uruguaiana, aos aliados, das tropas invasoras, em presença do Imperador D. Pedro II.

A invasão adversária da província de Corrientes provocou o ingresso da argentina na Guerra. Foi formada então a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) contra o Paraguai.

Ofensiva Aliada

Os aliados passaram à ofensiva tendo como objetivo estratégico a Fortaleza de Humaitá e, político a conquista de Assunção, capital adversária.

Em 16 e 17 de abril de 1866, sob a liderança do General Osório, forças navais e terrestres aliadas, em ação conjunta, em operação que poderíamos hoje classificar de anfíbia, transpuseram o rio

Paraná em Passo da Pátria, invadindo o território do adversário, depois de bem sucedida ação sobre o Forte Itapiru, consumada com a conquista e manutenção da Ilha da Redenção por uma força-tarefa integrada por infantes, artilheiros e engenheiros ao comando do tenente-coronel Villagran Cabrita, que nesta ação perdeu a vida, atingido por obus adversário quando redigia a parte da vitória.

Prosseguindo o avanço aliado, ainda com Osorio, travou-se a Batalha de Tuiuti, a maior batalha campal da América do Sul, que pôs fim à capacidade ofensiva adversária. Nela, Osorio, liderando uma manobra defensiva em posição, conseguiu anular o duplo envolvimento intentado pelo adversário.

Foi ferido mortalmente nesta batalha o Brigadeiro Sampaio - atual Patrono da Infantaria, após desenvolver papel decisivo para a vitória à frente de sua Divisão de Infantaria Encouraçada. Destacou-se e consagrou-se igualmente o então Coronel Emílio Mallet, atual Patrono da Artilharia, com sua "Artilharia Revólver" postada atrás de um fosso escavado pelo Batalhão de Engenheiros de Conrado Bittencourt, que amparou e manteve o seu flanco esquerdo, atuando como Infantaria.

Em manobra de Penetração ao longo do rio Paraguai, os aliados sofreram sério revés frente à fortaleza de Curupaiti. O insucesso desse desastre cobrou o alto preço de cerca de 4.000 vidas brasileiras, resultado da inobservância do Princípio da Unidade de Comando, agravado pelo não-reconhecimento da posição e descoordenação dos ataques terrestres e destes com os navais.

Era impositivo um comando único. Caxias foi nomeado comandante. E arquitetou suas vitórias. Depois de obter suficiente suporte logístico passou a ação. Flanqueou Humaitá e fez cair, pela manobra, este objetivo, que deteve por dois anos os Aliados. A sua ultrapassagem e conquista representou a perda da capacidade defensiva adversária. Para vencê-la, Caxias usou dois balões cativos de reconhecimento que mandou vir dos EUA e que foram operados pelos irmãos Allen, veteranos do Exército da União na Guerra de Secessão. A nossa Marinha construiu pequena ferrovia para realizar o apoio logístico da parte da Esquadra infiltrada entre as fortalezas adversárias de Curupaiti e Humaitá.

Prosseguindo rumo a Assunção, os aliados se defrontaram com fortificações apoiadas no arroio Piquiciri. Para ultrapassá-las, Caxias concebeu o plano de abordá-las através de estrada a construir sobre o Chaco, para cair de surpresa sobre a retaguarda do adversário, cortando a ligação que este mantinha com Assunção.

Seu plano implicava em correr o Risco Calculado. Ou seja: sacrificar o princípio de guerra Segurança, ao atravessar com o grosso de suas tropas uma região sujeita a inundações repentinas. Isto, em benefício do princípio de guerra Surpresa. No caso, desembarcar na retaguarda adversária, sem lá ser esperado, e colher assim todas as vantagens militares decorrentes.

O Corpo de Pontoneiros do Rio Grande do Sul e o Corpo de Engenheiros do Rio de Janeiro executaram, com grandes sacrifícios, 8 pontes, e cerca de 8 quilômetros de picadas, e a estiveram com milhares de troncos de palmeiras. Foi o caminho da vitória aliada - a Estrada do Chaco - feito épico, orgulho de nossa Engenharia de Combate e sobre a qual marcharam os infantes, cavalgaram os cavalarianos e foram tracionadas algumas peças de Artilharia que, sob o comando de Caxias, atingiram Santo Antônio, obtendo a Surpresa Estratégica. Esta circunstância incomum na guerra é o prêmio mais cobiçado dos verdadeiros artistas da guerra, por proporcionar a vitória com o mínimo desgaste e com o máximo rendimento militar.

Teve lugar então a Dezembrada, conjunto de batalhas de Itororó, Avaí, Vileta e Lomas Valentinas, que acabaram com a capacidade defensiva tática do adversário, obrigando-o a refugiar-se nas montanhas e deixando livre o caminho para Assunção, cuja caracterizou o fim da guerra. A redução das últimas resistências ficou a cargo do Conde D'Eu, genro do Imperador D. Pedro II. A Guerra teve seu epílogo em Cerro Corá, em 1º de março de 1870, com a morte em ação, de espada em punho, do Marechal Solano López, coerente com seu ideal que chocava-se com o interesse brasileiro e se constituiu em ameaça à Soberania e integridade do Brasil. São coisas de um passado longínquo e feridas cicatrizadas, alicerces para uma cooperação mais íntima e produtiva para ambas as nações para construírem em conjunto uma Doutrina Militar Terrestre a serviço da proteção militar do MERCOSUL.

Neste conflito, enfrentamos um dos mais valorosos e disciplinados soldados sul-americanos e em sentido figurado, cinco grandes generais adversários, que explicam as dificuldades enfrentadas pelos Aliados até Assunção e a grande duração do conflito. Foram aqueles generais:

- O **General Distância de Apoio Logístico**, Ou seja, a distância do Centro do Poder do Brasil no Rio de Janeiro, separado do TO, nos confins da Bacia do Prata, por milhares de quilômetros de caminhos marítimos e fluviais. Este general temível seria mais tarde enfrentado pela Inglaterra na Guerra dos Bôers na África do Sul e pela Rússia, na Guerra Russo-Japonesa no TO da Coréia e ultimamente pelos ingleses na Guerra das Malvinas.
- O **General Terreno Adversário** desconhecido, difícil por natureza e agravado por centenas de fortificações.
- O **General Paraná**, interposto inicialmente entre os aliados e adversários em Passo da Pátria, obstáculo de vulto, vencido com grandes sacrifícios, separando a Zona de Administração Aliada, em Corrientes, da Zona de Combate em território adversário.
- Os **Generais Tifo e Cólera**, que ceifaram milhares de vidas aliadas ou chegaram, em períodos críticos, a neutralizar a capacidade ofensiva tática aliada.

Reflexos da Guerra na consolidação do Exército

Esta guerra, em plena Era Industrial, veio comprovar que um exército não mais podia ser improvisado, de uma hora para outra, em razão da crescente sofisticação da Ciência da Guerra.

Em realidade, desde a sua criação, em 1824, o Exército brasileiro sofreu diversas pressões que se refletiam negativamente em sua consolidação.

A principal delas foi a criação da Guarda Nacional, na Regência, cópia de similares na França e Estados Unidos. Esta instituição perdurou até a I Guerra Mundial, quando foi absorvida como 2ª linha do Exército no governo de Wenceslau Brás. Graças ao prestígio do Duque de Caxias e dos Marechais Osorio e Câmara, heróis do conflito e Ministros da Guerra entre 1870/80, foram minimizados os esforços tendentes ao enfraquecimento e desprestígio do Exército.

No bojo da luta republicana, fruto da Questão Militar, emergiram no Exército duas correntes: a dos profissionais militares, desejos de um exército forte, à altura das necessidades de Segurança Nacional, e a dos científicos ou bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas, muitos adeptos do Positivismo - a religião da Humanidade - cujos reflexos na consolidação da instituição foram prejudiciais. Isto, em razão de seus adeptos não interpretarem e praticarem a nova filosofia, como o fez o Marechal Rondon. Este há um tempo só dedicado à integração do Brasil e ao índio, à Humanidade e, profissional de raros méritos, encarregado de combater a Revolução de 24. Ele foi indicado pelo General Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa, como o general que reunia as melhores condições para comandar o Exército Brasileiro numa eventualidade de guerra. A corrente dos profissionais representada no Governo por Deodoro e Floriano não se fez ouvir.

Predominou a corrente dos científicos, com o regulamento do Ensino Militar baixado pelo Ministro da Guerra Benjamin Constant, em 1889, que potencializou o Regulamento de 1874 de predominância científica e não profissional militar.

Regulamento voltado para a formação de bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas, sem a necessária formação militar, levando alunos de nossa Escola Militar na Praia Vermelha a ridicularizarem nossas tradições militares e debochando, segundo Tasso Fragoso, “dos desfiles dos veteranos do Paraguai que marchavam com os peitos cobertos de medalhas”.

Por isto o Brasil pagou alto preço em Canudos, na Bahia, e na Revolução Federalista (1893/95), no Rio Grande Sul, Paraná e Santa Catarina, onde o Exército revelou o mais baixo índice de operacionalidade de sua história. Os bacharéis estavam na política ou na administração. A tropa estava acéfala, liderada por chefes improvisados, despreparados e manipulados por lideranças políticas estaduais. A isto tudo assistiram impotentes alguns adeptos do profissionalismo militar, veteranos e filhos ou parentes de chefes da Guerra do Paraguai, como Hermes da Fonseca, João Nepomuceno Medeiros Mallet, Bernardino Borman, Machado Bittencourt - atual Patrono da Intendência - e outros. Medeiros

Mallet criou o Estado-Maior do Exército e marcou assim o início de uma gradativa Reforma Militar, visando ao progresso e consolidação do Exército. Criou em Piquete - São Paulo a fábrica de Pólvora sem fumaça e Machado Bittencourt introduziu o suporte logístico nas operações contra Antônio Conselheiro.

Em 1904, Hermes da Fonseca, Comandante da Guarnição do Rio, realizou as primeiras manobras do Exército em Santa Cruz, seguindo o exemplo do Conde D'Eu, do qual fora Ajudante de Ordens e que realizara manobras militares em 1885, em Santa Cruz- RJ, Porto Alegre e em Saicã- RS.

Na Escola Militar da Praia Vermelha reinavam os científicos.

Por esta época teve lugar em 1904, na referida Escola, a Revolta da Vacina Obrigatória. Chegara a oportunidade para a corrente profissional militar do Exército, chamada pejorativamente pelos bacharéis ou doutores de 'tarimbeiros' (cama de campanha). A escola foi fechada por um ano e depois extinta. A reforma de 1905 extinguiu o título de Alferes e introduziu o de Aspirante a Oficial. Os antigos Tenentes e Capitães do Exército, veteranos da Guerra do Paraguai, retomaram o elo perdido da consolidação da Reforma Militar. Fizeram a Reforma do Exército de 1908, a implantação do Serviço Militar Obrigatório (que fora implantado pelo Duque de Caxias em 1874 mas não continuada por seus sucessores), e a absorção da Guarda Nacional como 2ª linha do Exército durante a Primeira Guerra Mundial, no Governo do ilustre mineiro e amigo do Exército Dr. Wenceslau Braz, personalidade marcante a quem se deve a localização, em 1922, às margens do Sapucaí, em Itajubá, do 4º Batalhão de Engenharia de Combate, que tive a honra de comandar em 1981/82, mas ao qual não consegui aprovada a minha proposta da OM ter como denominação histórica 'Presidente Wenceslau Braz'.

Afastada a Guarda Nacional, outra ameaça à consolidação do Exército se fez sentir particularmente a partir de 1922. Foi o super dimensionamento das Polícias Militares, dotadas algumas de todas as armas, blindados e até aviação e com capacidade de operar em outros estados, desviando-se, por contingências, das funções precípuas de Segurança Pública.

Esta ameaça foi superada com a Revolução de 1930, liderada no campo militar por oficiais egressos da Escola Militar do Realengo, a maior parte de ex-alunos da Missão Indígena, da Escola do Realengo, e constituída de uma equipe de instrutores de escol, selecionada em concurso pelo Estado-Maior do Exército e que formou oficiais de alto padrão profissional e com uma visão ampla, realista e nacionalista dos caminhos a serem percorridos pelo Brasil, para atingir o seu destino de grandeza.

Permanência dos Ensinamentos Cívicos da Guerra

Os ensinamentos cívicos da Guerra do Paraguai continuam evidentes na vida nacional, no Exército e na Marinha. Caxias foi o arquiteto da vitória nessa guerra. Outros heróis do conflito como Osorio, Sampaio, Mallet, João Manoel e José Luiz Mena Barreto, Vilagran Cabrita, Severiano da Fonseca, Machado Bittencourt e Antônio João são os vultos maiores da Cavalaria, Infantaria, Artilharia, Engenharia, Serviço de Saúde e Oficiais do Quadro Auxiliar.

O Conde D'Eu, o Conde de Porto Alegre, Polidoro, Andrade Neves, Câmara, Conrado Bittencourt, Tibúrcio, Deodoro, Gurjão e muitos outros tem seus exemplos evocados quase que diariamente em todos os quartéis do Brasil. Centenas de ruas, praças e edifícios do país imortalizam os nomes dos bravos, e evocam seus exemplos. Poderia afirmar que a maioria das tradições do nosso Exército possui fundamento em sua participação neste conflito.

Foi dos campos do Paraguai que teve início a chama da Abolição, acendida pela oficialidade, em campanha, e transmitida ao Visconde de Rio Branco em sessão que ele presidiu na Loja Maçônica Fé, em Assunção. No Brasil, sob o impacto da pressão recebida, assomou ele à Tribuna do Senado por diversas vezes, até ver, no ano seguinte, aprovada a Lei do Ventre Livre, primeiro passo para a Abolição.

Permanecem vivos os ensinamentos à nossa Marinha legados por Tamandaré, Barroso, Greenhalg e Marcílio Dias, em Riachuelo. E os de Ana Nery, Rosa da Fonseca e Ludovina Portocarrero, exemplos mais ilustrativos do valor e patriotismo da mulher brasileira.

Significado das Operações na Formação das novas Gerações do Exército

A Guerra do Paraguai oferece um manancial de ensinamentos às Forças Armadas dos países que integram o MERCOSUL, com vistas à proteção militar deste mercado. Pouco foi explorado criticamente até o presente. Quem vem pesquisando há 50 anos são as equipes de instrutores de História Militar da Academia Militar. E isto, em aspectos relativos à análise crítica dos Princípios e Qualidades de Chefia, Virtudes Militares, características do soldado brasileiro, elementos do Fator Militar. Tudo com vistas à Portaria 061/77 do EME, além de uma infinidade de itens e assuntos que compõem uma Doutrina Militar nos campos da Organização, Equipamento, Instrução, Desenvolvimento das Forças Morais da Guerra e Emprego de um Exército.

(x) O autor é natural de Canguçu - RS. Fundou e preside o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (www.ihtrgs.com.br) e a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (www.ahimtb.org.br) ora transformada em Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) com 5 AHIMTB filiadas. É sócio emérito do IHGB e Benemérito do IHGMB, e integra as academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e do Paraguai, e o Instituto Histórico do Uruguai. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras (1978/80) onde hoje tem a sua sede a FAHIMTB e seu acervo. E-mail: bento1931@gmail.com. Endereço: Rua Florença, 266 Jardim das Rosas, 27.580-000 Itatiaia-RJ.

OBRAS DO AUTOR E PARCEIROS, RELACIONADAS COM A GUERRA DO PARAGUAI E PRINCIPAIS CHEFES MILITARES DO EXÉRCITO QUE LUTARAM NESTA GUERRA

- 1- BENTO, Claudio Moreira, **Caxias e a Unidade Nacional**. Porto Alegre: AHIMTB, 2003.
- 2-(____). **História da 3ª Região Militar 1808/1889**. Porto Alegre. SENAI/RS, 1994.
- 3-(____). **General Osório, o maior herói e líder popular brasileiro**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008.
- 4-(____). **Brigadeiro Antônio de Sampaio, o patrono da Infantaria**. Resende: AHIMTB/IHTRGS/ACANDHIS, 2010.
- 5-(____). **Conde de Porto Alegre - bicentenário**. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2004. 2ª ed. anotada e comentada pelos autores.
- 6-(____). **Artilharia Divisionária da 6ª DE – AD Marechal Gastão de Orleans**. Porto Alegre, AHIMTB/IHTRGS, 2005.
- 7-(____). **Artilharia Divisionária da 3ª DE – AD Brigadeiro Gurjão**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2011.
- 8-(____). **História da 6ª DE – Divisão Voluntários da Pátria**. Porto Alegre: AHIMTB,
- 9-(____). **História da 3ª DE - Divisão Encouraçada**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008.
- 10-(____) **História da 6ª Bda de Infantaria Blindada- Brigada Niederauer**. AHIMTB, 2003.
- 11-(____) **Historia da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada**, Resende. AHIMTB, Porto Alegre, 2003.
- 12-(____). **Historia da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada**. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2007.
- 13-(____). **História da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada**. Resende. AHIMTB/IHTRGS, 2010.
- 14-(____). **História do Casarão da Várzea 1885-2008**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008.
- 15- **Escolas Militares de Rio Pardo 1859/1911**. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2005.

Notas importantes

Foi meu parceiro na autoria dos livros nº 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12,13,14 e 15 o historiador militar e acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Foram também nossos parceiros os historiadores militares e acadêmicos da FAHIMTB: na obra nº 8 o Subtenente Reformado Osório Santana Figueiredo; na obra nº 9 o Major Andrei Clauhs e na obra nº 10, o Cel Mário José Menezes; na obra nº 12, o Sargento Reformado Carlos Fontes e na nº 7 o Cel Ernesto Caruso. As siglas AHIMTB, IHTRGS e ACANDHIS são correspondentes à Academia de História Militar Terrestre do Brasil, Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e Academia Canguçuense de História. São entidades fundadas e presididas pelo autor, que figuram como entidades sob cuja égide as obras acima do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul foram publicadas. E obra didática importante sobre a Guerra do Paraguai e por ser organizada como instrutor de História Militar na AMAN: ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS- CADEIRA DE HISTÓRIA MILITAR. **História Militar do Brasil**. Volta Redonda: Gazetilha, 1979, 2v (Texto e mapas). Obra patrocinada pelo Estado-Maior do Exército. É obra importante igualmente sobre Caxias e a Guerra do Paraguai e na forma de cronologia: GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **O Duque de Caxias Dia a Dia**. Porto Alegre: Evangraf, FAHIMTB, AHIMTB/RS, IHTRGS, 2011. Produzimos outros livros e artigos com referência à Guerra do Paraguai e seus chefes do Exército Brasileiro das quais podem ser encontradas referências em meu livro BENTO, Claudio Moreira. **Memória de minhas atividades como historiador militar e, em especial como historiador do Exército Brasileiro 1970-2009**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2009.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – AHIMTB/IHTRGS

lecaminha@gmail.com